

ISSN - 2175-6600

Vol.17 | Número 39 | 2025

Submetido em: 29/11/2025

Aceito em: 02/12/2025

Publicado em: 05/12/2025

Vias paralelas: desafio de professoras em equilibrar (auto)cuidado e docência

Parallel paths: female professors balancing (self-)care and teaching

Caminos paralelos: el desafío del profesorado en el equilibrio entre el (auto)cuidado y la enseñanza

Anny Carolina de Oliveira¹
Daniela Franco Carvalho²



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2025v17n39pe20324>

Resumo: Este estudo³ investiga a trajetória de mulheres docentes-pesquisadoras, focando o equilíbrio entre o trabalho do cuidado e as demandas profissionais. O tema é relevante para compreender como estruturas sociais, especialmente o patriarcado, fazem com que o serviço de cuidado recaia majoritariamente sobre as mulheres, influenciando sua experiência e carreira acadêmica. O objetivo foi analisar *se e como* práticas de cuidado impactam o desenvolvimento profissional e a produção de conhecimento dessas professoras. A pesquisa adotou abordagem qualitativa, utilizando entrevistas narrativas com professoras universitárias para coleta de dados. Os resultados indicam que o cuidado se manifesta como uma prática complexa, afetando tanto a vida pessoal quanto a atuação docente, e revela a importância de reconhecer essas experiências na construção da carreira acadêmica. Conclui-se que compreender o cuidado nesse contexto contribui para a valorização e visibilidade do trabalho das mulheres na academia em busca de uma sociedade mais equânime.

Palavras-chave: Mulheres. Docência universitária. Gênero. Cuidado. Patriarcado.

¹ Centro Universitário Mais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1115368400336654> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8725-8650> Contato: oliveiraanny@live.com

² Universidade Federal de Uberlândia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8974289881139128> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4476-7903> Contato: danielafrancocarvalho@gmail.com

³ O presente artigo tem como origem a pesquisa realizada no âmbito de doutorado da autora principal, intitulado “Narrativas de mulheres na ciência: desafios e conquistas de professoras-pesquisadoras na carreira universitária”, com acesso completo ao texto disponível no repositório institucional da Universidade Federal de Uberlândia.

Abstract: This study investigates the trajectories of women faculty-researchers, focusing on the balance between care work and professional demands. The topic is relevant for understanding how social structures, particularly those that sustain gender inequalities, result in care responsibilities falling predominantly on women, influencing their personal experiences and academic careers. The objective was to analyze if and how care practices impact the professional development and knowledge production of these professors. The research employed a qualitative approach, using narrative interviews with university professors for data collection. Results indicate that care manifests as a complex practice, affecting both personal life and academic work, highlighting the importance of recognizing these experiences in shaping academic careers. It is concluded that understanding care in this context contributes to the visibility and valuation of women's work in academia and supports the pursuit of a more equitable society.

Keywords: Women. Higher education. Gender. Care work. Social structure.

Resumen: Este estudio investiga la trayectoria de profesoras e investigadoras, centrándose en el equilibrio entre el trabajo de cuidado y las demandas profesionales. El tema es relevante para comprender cómo las estructuras sociales, especialmente el patriarcado, hacen que el trabajo de cuidado recaiga predominantemente en las mujeres, influyendo en su experiencia y carrera académica. El objetivo fue analizar si, y cómo, las prácticas de cuidado impactan en el desarrollo profesional y la producción de conocimiento de estas profesoras. La investigación adoptó un enfoque cualitativo, utilizando entrevistas narrativas con profesoras universitarias para la recopilación de datos. Los resultados indican que el cuidado se manifiesta como una práctica compleja, que afecta tanto la vida personal como el desempeño docente, y revela la importancia de reconocer estas experiencias en la construcción de una carrera académica. Se concluye que comprender el cuidado en este contexto contribuye a la valoración y visibilidad del trabajo de las mujeres en la academia en la búsqueda de una sociedad más equitativa.

Palabras clave: Mujeres. Docencia universitaria. Género. Cuidados. Patriarcado.

1 INTRODUÇÃO

O serviço do cuidado, historicamente, foi atribuído às mulheres, tendo em vista a falácia de que nascem com o dom de cuidar e que, por isso, essa seja uma característica intrínseca a elas (hooks, 2022). Na realidade, o que temos é uma construção social, disseminada e mantida pelo patriarcado que, ao afirmar essa característica como uma habilidade inata, molda os corpos femininos a fim de ditar, mais uma vez, o que é atribuição das mulheres. Mais do que se dedicar à criação dos filhos ou ao acompanhamento de idosos, o trabalho do cuidado

[...] envolve muitas horas e tempo dedicado ao cuidado com a casa e com as pessoas: dar banho e fazer comida, fazer faxina, comprar os alimentos que serão consumidos, cuidar das roupas (lavar, estender e guardar), prevenir doenças com boa alimentação e higiene em casa, cuidar de quem está doente, fazer café da manhã, almoço, lanches e jantar para os filhos, educar, e segue por horas a fio (ThinkOlga, 2020, p. 31).

Para além das percepções diárias nos nossos círculos restritos do cotidiano, que atestam um desequilíbrio nas atividades domésticas e de cuidado sobre as mulheres, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) evidenciou que, no ano de 2019, as mulheres dedicavam 10,6 horas a mais do que os homens aos afazeres domésticos e/ou de cuidados de pessoas. Essa assimetria não se extingue quando se analisam os dados focando nos trabalhadores externos, ou seja, aquelas



pessoas que desenvolvem sua atividade laboral fora do ambiente doméstico. Nesse caso, o que se percebe é que a mulher ainda exerce uma carga maior de realização das tarefas domésticas em relação aos homens, dedicando 6,8 horas a mais do que eles nesses afazeres.

Além disso, outros recortes, para além do de gênero, poderiam ser utilizados para esta análise e, neste quesito, citamos o nível de escolaridade, por exemplo, ao analisarmos o fato de que a mesma pesquisa evidenciou ainda que “a realização de afazeres domésticos era maior entre homens com curso superior completo (86,2%) e menor entre os sem instrução ou com ensino fundamental incompleto (74,4%)” (Nery; Brito, 2023). Assim, à medida que há um maior nível de instrução formal, parece haver um maior entendimento da necessidade de divisão das tarefas domésticas e de cuidado, apesar de os percentuais mostrarem que há desvios desse comportamento mesmo para homens graduados.

Nesse sentido, hooks (2022) chama atenção para o fato de que, mesmo quando mulheres ganham poder de classe e iniciam sua jornada laboral para além do trabalho relacionado às atividades de casa, é comum que se contrate pessoas para realizarem as tarefas domésticas que ela e o companheiro não tem afinidade ou tempo disponível para realizar. Dessa maneira, “quando um casal heterossexual paga por ajuda para fazer as tarefas que o pensamento sexista define como ‘feminina’ em geral, é a mulher que contrata a ajuda e supervisiona o trabalho” (p. 121). Ou seja, ainda que a mulher não execute fisicamente o trabalho doméstico, recai sobre ela a responsabilidade de buscar por essa ajuda remunerada e avaliar o trabalho executado, a fim de garantir um bom resultado.

As mudanças de perfil da sociedade também devem ser levadas em consideração ao pensarmos sobre os esforços demandados para o trabalho do cuidado. Antigamente, as relações de convivência de mais de duas gerações eram pouco frequentes já que a baixa expectativa de vida impedia esse contato próximo entre familiares por períodos mais longos. Hoje, já vivemos uma mudança nesse cenário, tendo em vista que, a maior expectativa de vida contribui para que ocorra a “cossobrevivência de várias gerações [que] é muitas vezes vista de maneira positiva, na medida em que as pessoas agora compartilham períodos de suas vidas com parentes de diferentes faixas etárias e por mais tempo” (Jesus; Wajnman, 2016, p. 44). Mas, para além dos pontos positivos, é preciso pensar que, junto a essa coexistência de diferentes gerações, há também uma maior demanda por serviços de cuidado, podendo gerar uma sobrecarga ao grupo de pessoas que está posicionada entre as diferentes gerações, já que



Esse grupo, que tende a fornecer, simultaneamente, cuidados às gerações ascendente e descente, tem sido nomeado na literatura de geração sanduíche (gs), metáfora utilizada para descrever a compressão entre gerações, podendo ser definida como o conjunto de adultos em meia idade comprimidos por demandas simultâneas de um ou ambos os pais sobreviventes e de filhos e/ou netos dependentes (Jesus; Wajnman, 2016, p. 44).

Os impactos sofridos por essa transformação da sociedade também foram evidenciados na PNAD Contínua que, ao avaliar o cuidado no domicílio, percebeu a redução no cuidado demandado ao público infantil (de 0 a 14 anos) mas um aumento no cuidado de moradores de maior idade, em especial os idosos. Mesmo havendo uma mudança nas dinâmicas familiares, ainda há a permanência da necessidade de serviços de cuidado pois, mesmo que se tenha uma diminuição no público infantil através do decréscimo de taxas de natalidade, há uma tendência crescente no envelhecimento da população, gerando novos desafios.

Muitos desses índices foram agravados pelo período pandêmico da Covid-19 que se alastrou de maneira mais delicada por três anos. Alguns relatórios hoje nos trazem o reflexo dessa crise sanitária mundial para a sobrecarga das mulheres. O Instituto Think Olga lançou em 2020, o documento “Laboratório Mulheres em Tempos de Pandemia: Economia do Cuidado” em que focou a discussão na importância desse tipo de serviço bem como a sua desvalorização e invisibilidade para a sociedade como um todo, sobretudo para as mulheres. No documento, a instituição comenta que, no cenário pandêmico, “esses serviços essenciais se tornaram visíveis aos olhos de muitas pessoas” (ThinkOlga, 2020, p. 06), além de lembrar que a primeira morte por coronavírus no Brasil foi a de uma mulher, empregada doméstica que morava na casa onde trabalhava.

O mesmo instituto lançou recentemente um novo relatório, intitulado “Esgotadas” e, dentre uma das discussões apresentadas, descreve o fato de que a sobrecarga no serviço do cuidado impacta diretamente na saúde mental. Na oportunidade, o estudo mostra que “1 a cada 4 mulheres que cuidam de alguém está insatisfeita ou extremamente insatisfeita com sua saúde emocional” enquanto que “1 em cada 5 mulheres não cuidadoras relatam o mesmo” (ThinkOlga, 2023). Além disso, o relatório buscou evidenciar também se as mulheres participantes da pesquisa realizavam acompanhamento psicológico e apenas 22% delas realizavam terapia/psicoterapia/análise. Dentre os motivos apontados para justificar a não realização de terapia, diversos quesitos foram apontados como: se informar diretamente nas redes sociais, por conta própria (49%); não ter recurso financeiro ou achar que custa caro



(29%); não ter tempo (11%); não ter profissionais disponíveis geograficamente próximos a elas (7%), além de outros pontos.

O tempo e o esforço demandados no ato de cuidar no âmbito pessoal de cada uma das mulheres, influencia o processo criativo e o desenvolvimento profissional das pessoas. O serviço de cuidar não é algo exclusivo da vida pessoal e, em muitas áreas profissionais, percebemos uma extensão desse ato.

Diante desse panorama, evidencia-se que o cuidado, embora historicamente atribuído às mulheres, envolve múltiplas dimensões e demandas que se estendem para além do espaço doméstico, impactando também a esfera profissional. Para as mulheres que atuam na docência universitária, essas responsabilidades podem se entrelaçar com as exigências acadêmicas e institucionais, configurando um cenário de desafios constantes para a conciliação do cuidado de si, do outro e das atividades docentes. Este artigo, portanto, tem como objetivo explorar e analisar, a partir das narrativas de professoras-pesquisadoras, como essas mulheres vivenciam e lidam com tais desafios, buscando compreender as vias paralelas percorridas para equilibrar essas demandas e os efeitos dessa conciliação em sua trajetória acadêmica e pessoal.

2 METODOLOGIA

Da mesma maneira que diferentes lentes oferecem perspectivas múltiplas sobre a mesma paisagem, a escolha metodológica de uma pesquisa define o modo como se observa, interpreta e interage com o fenômeno estudado. Neste artigo, a metáfora dos "óculos escolhidos para o percurso" nos ajuda a refletir sobre como as decisões metodológicas sustentam a forma como nos posicionamos diante da realidade, guiando-nos por trilhas de conhecimento que priorizam algumas dimensões enquanto omitem outras. Aqui, apresento as lentes selecionadas para este estudo, enfatizando como elas ampliaram e estreitaram o foco de investigação sobre as trajetórias de mulheres na ciência.

A pesquisa é de caráter qualitativo, considerando que os métodos qualitativos envolvem a comunicação entre pesquisador e campo como parte da produção do conhecimento (Flick, 2004, p. 22). Desconsidera-se a ideia de neutralidade, já que subjetividades do pesquisador e participantes fazem parte do processo. A abordagem qualitativa parte do pressuposto de que há uma relação dinâmica entre sujeito e mundo, em que o objeto de estudo não é neutro e o sujeito-observador interpreta os fenômenos (Chizzotti, 2001, p. 79).



Historicamente, a pesquisa qualitativa emergiu para compreender dinâmicas sociais complexas, como as estudadas pela Escola de Chicago, e ganhou novas dimensões a partir da década de 1960, incorporando fenomenologia, etnometodologia, estudos culturais e feminismo (Bogdan; Biklen, 1994). Esses referenciais evidenciam a centralidade das interpretações das mulheres, reforçando a relevância da abordagem qualitativa para o estudo das trajetórias femininas na ciência.

Para compreender experiências pessoais e profissionais de mulheres docentes, utilizei a pesquisa narrativa, que possibilita lançar luz às vivências individuais em interação com contextos sociais e institucionais (Clandinin; Connelly, 2015). Essa abordagem se organiza em um espaço tridimensional: temporalidade (passado, presente e futuro), pessoal e social (segunda dimensão) e lugar (terceira dimensão). Pesquisar experiências envolve dimensões introspectiva, extrospectiva, retrospectiva e prospectiva, permitindo interpretar o sentido das histórias contadas e não contadas (Clandinin; Connelly, 2015, p. 63, 85).

Foram realizados encontros virtuais com três docentes universitárias, selecionadas por amostragem por conveniência devido à disponibilidade e à relação prévia, que facilitou a criação de uma atmosfera propícia para diálogos produtivos (Fávero; Belfiore, 2017, p. 178). As entrevistas, de história oral, foram gravadas com consentimento, constituindo os textos de campo, registros que representam aspectos das experiências vividas (Clandinin; Connelly, 2015, p. 133, 136). Após cada encontro, produzi notas de campo descritivas e reflexivas para complementar os relatos das participantes (Bogdan; Biklen, 1994, p. 152).

As narrativas foram textualizadas e segmentadas em crônicas, que abordam temas específicos ou interconectados, servindo de base para a construção dos textos de pesquisa (Clandinin; Connelly, 2015, p. 155). Neste artigo, a crônica posta em evidência discorre sobre os obstáculos vivenciados por essas mulheres ao tentarem conciliar o trabalho do cuidado (de si mesma, de seus dependentes, etc) e do ofício de docente. A análise considerou o dito e o não dito, entonações, pausas e gestos das participantes, aprofundando a interpretação dos relatos (Reisdoefer; Lima, 2021, p. 812).

A discussão da crônica em questão foi balizada por referenciais sobre cuidado, gênero e trabalho doméstico (hooks, 2022; ThinkOlga, 2020, 2023; Jesus; Wajnman, 2016; Nery; Brito, 2023), permitindo compreender como as professoras lidam com sobreposição de responsabilidades pessoais e profissionais. As análises integraram o pessoal, o social e o situacional, respeitando a complexidade das trajetórias individuais e sociais (Clandinin; Connelly, 2015, p. 187).



Dessa forma, este percurso metodológico permitiu alcançar o objetivo deste artigo: evidenciar os desafios das mulheres professoras em conciliar o cuidado do outro, o cuidado de si mesmas e as demandas docentes, mostrando a complexidade de suas experiências no contexto universitário.

Ao longo desta investigação, os encontros realizados com as docentes participantes permitiram a produção de narrativas que refletem tanto suas experiências profissionais quanto pessoais. Para contextualizar os dados que serão apresentados a seguir, é importante conhecer brevemente quem são essas mulheres e os trajetos que as trouxeram até o ambiente acadêmico. As entrevistas foram conduzidas com três docentes universitárias, cujos nomes foram preservados por questões de confidencialidade: *Isis Oliveira, Clara Ribeiro e Eloísa Costa*. Cada uma delas traz uma trajetória de vida singular, que contextualiza suas experiências profissionais e pessoais. Isis Oliveira nasceu em Ituiutaba, MG, em 1989, e cresceu como filha única, vivendo com seus pais originários de cidades do interior de São Paulo. Atualmente, reside com sua mãe, após o falecimento do pai em 2023, mantendo vínculos afetivos presentes e significativos em sua rotina. Clara Ribeiro nasceu em Santos, SP, e é primogênita de quatro irmãos. Filha de um professor e de uma mãe aposentada da Telesp, construiu sua vida em Uberaba, MG, junto ao esposo e aos dois filhos pequenos, conciliando as demandas do trabalho docente com a vida familiar e mantendo uma rotina marcada pela curiosidade e pelo aprendizado compartilhado. Por fim, Eloísa Costa, nascida em Ituiutaba, MG, é a caçula de cinco filhos e reside com seus pais, assumindo um papel de apoio familiar. Sem filhos, Eloísa nutre expectativas de construir uma família no futuro, conciliando cuidados familiares e vida profissional com dedicação e atenção às relações ao seu redor.

Essa contextualização das participantes possibilita humanizar suas histórias e compreender a complexidade das experiências relatadas, evidenciando que, apesar das diferentes trajetórias e contextos, suas vivências oferecem subsídios relevantes para a reflexão sobre gênero e docência no Ensino Superior, dando início à análise detalhada dos dados coletados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Podemos iniciar nossas reflexões, evidenciando sobre o cuidado demandado pela docência, em que os professores cuidam do planejamento das aulas, do desenvolvimento dos estudantes, do processo avaliativo, das normas de segurança para o desenvolvimento de pesquisas em laboratórios e pela forma como, de modo geral, os



docentes prezam pela formação e segurança dos estudantes, no ambiente universitário. Clara compartilha que ao pensar sobre a rotina de conciliar o mestrado com a docência, se viu sobrecarregada, afirmando que

eu sofri muito no mestrado, mas muito, muito, muito, muito, muito, tanto por conta da carga de trabalho, né, na faculdade, quanto na responsabilidade do professor universitário, que nunca são só as aulas e preencher o sistema, o SISCAD, sempre tem reunião, é um evento que tem que fazer, é uma extensão que tem, eles exigiam isso de um aluno, de um professor bolsista, e nossa era muito, pra mim era muito, sabe, sacanagem (Clara Ribeiro, textos de campo, p. 11).

As microviolências e a sobrecarga de trabalho, marcaram essa fase de Ribeiro de uma forma singular, tanto é que até os dias de hoje ela relembra com dificuldade de lidar pelo que passou: “*o meu mestrado diz muito do que eu vivi, sabe, na instituição como mulher e como iniciante na carreira, o meu mestrado diz muito disso, todas aquelas páginas dizem muito, tanto é que uma dificuldade minha é voltar nele e publicar*” (Clara Ribeiro, textos de campo, p. 12). Toda a demanda docente também se viu comprometida de maneira desigual prejudicando as mulheres, no período pandêmico, justamente pelo fato dessa herança cultural do serviço de cuidado como atribuição feminina. Nesse sentido, a organização *Parent in Science* divulgou um levantamento realizado durante o isolamento social. O documento “Produtividade acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade” teve como objetivo averiguar se a produtividade acadêmica de cientistas estava sendo prejudicada igualmente. Alguns dos resultados encontrados pelo movimento mostram que apenas 8% das mulheres que atuam como docentes universitárias conseguiram trabalhar remotamente; as docentes (especialmente aquelas com filhos) tiveram maior dificuldade de cumprir prazos relacionados a solicitações de fomento/bolsas e/ou submissão de relatórios/prestação de contas (66,6%) e apenas 47,4% das docentes com filhos conseguiram submeter seus artigos científicos conforme planejado.

Ao olhar para as pós-doutorandas, apenas 34% das que tem filhos conseguiram submeter seus artigos cumprindo seu cronograma previsto e apenas 2,2% conseguiram trabalhar remotamente. Já as alunas da pós-graduação, 27% conseguiram trabalhar remotamente e do total de mulheres participantes da pesquisa, 83,4% atestaram que a pandemia estava impactando o andamento da sua pesquisa. Todos esses índices ficaram abaixo, quando comparado com os apresentados pelo público masculino participante do estudo (Parent in Science, 2020). Esses resultados sustentam o fato de que a sobrecarga imposta pelo cuidado impactou de maneira desproporcional as mulheres na academia e sua produtividade no período pandêmico.



Ao compartilharem suas narrativas, as professoras que participaram dessa investigação evidenciaram que, em algum momento da vida tomaram decisões, sejam referentes às suas carreiras profissionais ou relacionadas a própria vida pessoal, levando-se em consideração a necessidade de se organizarem para atuarem como cuidadoras de familiares próximos.

Isis compartilhou que sempre foi independente no sentido de querer conquistar as suas próprias coisas, através de seu esforço. No entanto, ao longo da vida, à medida que foi se tornando adulta e, portanto, mais consciente de si e da sua estrutura familiar, ela se viu

assumindo papéis que não precisava ter assumido. Então, eu assumi papel de esposa do meu pai, no caso, porque chegou um momento que eu tinha que cuidar dele, que eu tinha que ouvi-lo, sabe? E depois, ele faleceu, eu tomei espaço, criei um papel de esposo da minha mãe, de provedor do lar, sabe? Então, diversos papéis. E o papel, às vezes, de filha, eu ainda não tenho claro a meu ver, porque eu sempre cuidei e não deixei ser cuidada, sabe? E eu vejo isso muito também na minha mãe. Em outras mulheres que eu tenho vivência, eu vejo isso. Talvez pelo mundo cobrar mais da mulher, né? E a gente se tornar uma mulher forte, uma mulher independente, isso aí vai deixando marcas, né? No decorrer da nossa vida, não é fácil (Isis Oliveira, textos de campo, p. 11 – 12).

Eloísa também recalcoulou seus caminhos profissionais na época em que já havia se formado em Direito, estava finalizando o mestrado e já atuava na área advocatícia. Na ocasião, ela nos contou que

Aí o que que acontece, a gente traça um caminho, Deus traça o outro, aí em 2020, com problemas familiares, aqui meu pai muito adoecido, com problema de Alzheimer, em 2020 eu comecei migrar de volta. Em 2021, tive que voltar para Ituiutaba, voltei para Ituiutaba, em 2022 aluguei a casa e vim embora, depois de 20 anos fora. Então é um recomeço, e agora, agora eu fixei raiz, eu tenho que fixar, porém, né, a situação aqui, e trabalhando, e tô de novo com o escritório, graças a Deus, dando aula na faculdade e seguindo (Eloísa Costa, textos de campo, p. 03).

A docente não dá indícios se o retorno dela para sua cidade natal ocorreu por escolha ou se ela precisou, forçadamente, voltara para cuidar do pai, como se não houvesse outro familiar próximo para fazê-lo. No entanto, entendemos que ainda que outra pessoa pudesse dar suporte para seu pai, dificilmente Eloísa se tranquilizaria e permaneceria à distância, já que crescemos em uma sociedade em que os serviços de cuidado são vistos como obrigação dos filhos e isso toma maiores proporções caso sejam mulheres. Ainda que ela entendesse que o respaldo ofertado de outras formas, como o auxílio financeiro, por exemplo, já fosse uma maneira de amparar seu pai, é provável que o peso da responsabilidade emocional e moral, reforçado pela expectativa social de que as mulheres são as principais cuidadoras, tenha a levado a priorizar o cuidado direto, em



forma de presença física, em detrimento de outras maneiras de apoio. Reforçando mais uma vez, a maneira pela qual a responsabilidade do trabalho do cuidado é imposta, muitas vezes, desprezando as escolhas ou circunstâncias da mulher.

Esse trabalho do amparo à familiares próximos, nos casos relatados, com os pais, implica na forma com que as outras relações também acontecem na vida das docentes. Por precisar se tornar uma “mulher forte”, Isis comenta que isso influencia na maneira de se relacionar com outras pessoas, em relacionamentos amorosos pois “*quando a gente expõe essas coisas para uma pessoa que você tá conhecendo é meio intimidador para o homem. O homem acaba que tem medo de mulheres fortes, resilientes, corajosas, mulheres que buscaram algo melhor na sua vida, entendeu?*” (Isis Oliveira, textos de campo, p. 12).

Já Clara, entende que conciliar a maternidade com a docência universitária é um desafio contínuo e que, dia após dia, um passo é dado para a construção de uma rotina mais calma. Sobre essa pressão que a maternidade exige, ela reflete que, devido a faixa etária das crianças (cerca de 2 anos) isso é normal, seja para as atividades básicas – como comer, tomar banho, se organizar para dormir, até para manter a saúde emocional e psicológica dos filhos. Mesmo entendendo que essa demanda é natural e tendo ao seu lado um companheiro que é presente nessas tarefas de cuidado e atividades domésticas, ela compartilha como se sente diante dessa rotina e afirma que

as minhas aulas são à noite, né? Então, assim, isso pesa muito, às vezes eu chego 11 horas da noite e ele tá acordado chorando. Então, eu tenho que acolher, tenho que ajudar, só que eu tive um dia inteiro também todo... Então, assim, tudo isso compromete, sabe? O cansaço, tudo. Eu acho que eu me sinto igual aquelas... a gente foi no circo recentemente, levei as crianças. Sabe quando a mulher tá equilibrando os pratinhos assim na vareta? Um pratinho. Aí ela... [gesticula que a mulher vai até o prato apoiado na vareta e dá impulso para que ele continue rodando] Eu falei assim, ‘nossa, cara, eu sou essa mulher aí’. Porque ela tinha um tubo com 11 varetas, com 11 pratinhos equilibrando. Ela chegava no último, ela fazia assim no primeiro. Aí, daqui a pouco, ela ia ver e fazia assim de novo. Eu falei, ‘cara... é, minha vida é essa. Ali, ó, aquele ali é pós-graduação. Ali a pesquisa. Aqui extensão. Esse aqui é o André [esposo]. Esse aqui é o... o Caetano. Esse aqui é o Benício. Cada pratinho pra mim tinha um negócio (Clara Ribeiro, textos de campo, p. 17).

A narrativa da professora nos mostra que conciliar todos os campos e obrigações da sua vida é realmente um esforço, algo quase que sobre-humano, tanto é que usa a metáfora da trabalhadora circense para exemplificar o quanto precisa se desdobrar para conseguir cumprir todas as demandas. Os deveres são tantos que, muitas vezes, parece não restar tempo para lazer, ao que Clara aponta ao afirmar que “*E os pratinhos ainda estão girando, né? E o que a gente gosta de fazer, né? No tempo livre. Então, e agora? Consegi agora voltar a fazer uma atividade física que eu curto muito, que é o Pole*



Dance" (Clara Ribeiro, textos de campo, p. 17). Ainda com todas as demandas, a professora entende que é importante gerir o seu tempo que é tão precioso e fazer algo por ela mesma, por *hobbie*, para cuidar de si. Entretanto, relata que a maternidade é um divisor de águas e chega até a dizer que gostaria que quem a conheceu antes de ser mãe, a conhecesse novamente, pois muito de quem ela era, mudou após esse acontecimento. Assim, essas transformações trazidas pela maternidade interferem inclusive, nas suas preferências. Sobre isso, aponta que

isso [o pole dance] é uma coisa que eu gostava antes também de ter os meninos. Então, agora eu 'tô voltando, mas 'tô vendo se ainda é aquilo que... Que isso é muito estranho, né? É muito estranho, porque não que os gostos mudem, assim, mas algumas coisas não tem o mesmo sabor, sabe? Parece que eu 'tô tentando fazer coisas que eu fazia antes pra tentar ver se eu consigo voltar. Sabe assim? Então, por exemplo, o que que eu gostava de fazer antes? Pole. Ai, será que se eu fizer pole, então será que eu... eu... volto a tomar as rédeas da minha vida? Será que se eu tomar um café com as amigas, né? Aquele lugar que eu gostava de tomar antes, será que... (Clara Ribeiro, textos de campo, p. 17 - 18).

Esse processo de se redescobrir após a maternidade já é algo muito impactante para a mulher. Equilibrar essa nova rotina com as inúmeras demandas do ambiente de trabalho, ou seja, da universidade, as leva à exaustão. As mulheres pesquisadoras frequentemente são descredibilizadas quando tentam conciliar esses dois lados da mesma moeda: serem pesquisadoras no ambiente acadêmico e se dedicarem também à vida familiar, de forma presente. Nesse sentido, é visto que, a mulher que se coloca nessa posição, é considerada uma pesquisadora sem fibra. A vocação científica de um verdadeiro pesquisador, de maneira equivocada, é traçada levando-se em consideração uma construção pautada em uma sociedade organizada estruturalmente no patriarcado,

no sentido de que ela produz efeitos diretos de discriminação sobre a maioria das mulheres. Poderíamos dizer que se trata de uma carreira concebida para homens, ou mesmo para homens que se beneficiam do apoio daquelas que mantêm a casa, cuidam dos filhos, pouparam-lhes das preocupações práticas, permitem-lhes passar noites em claro no laboratório e se ausentam devido aos vários estágios e deslocamentos ao exterior que fazem parte da carreira de um pesquisador (Stengers, 2023, p. 53).

Assim, essa estrutura universitária discrimina ainda mais a carreira profissional das mulheres, já que o simples fato de optarem por conciliar responsabilidades familiares, seja interpretado como uma prova de que ela não tenha realmente a fibra necessária para ser uma verdadeira pesquisadora, ou seja, o modelo institucional acadêmico entende que, só se é um exímio docente-pesquisador se houver uma renúncia da sua vida pessoal, exigindo um sacrifício por parte do professor (Stengers, 2023). Tendo em vista os números apresentados pelo relatório promovido pela organização *Parent in Science*, fica



visível quem é o sujeito que abdica da sua vida pessoal e se dedica integralmente à produtividade e à rotina acadêmica: os homens.

Dessa forma, a passividade e submissão com que muitos pesquisadores, e até mesmo mulheres professoras, continuam agindo, como se essas questões não permeassem o ambiente universitário, contribuem para a permanência de uma universidade cada vez mais objetivista, reafirmando o fenômeno da prostituição intelectual em que “a docilidade daqueles que, sem serem obrigados como o são os assalariados, aceitam pensar e trabalhar onde e como convém” (Stengers, 2023, p. 69). Essa dinâmica ocasiona uma sobrecarga de trabalho, onde as professoras se veem obrigadas a atender a múltiplas demandas, como ensino, pesquisa, extensão e administração, muitas vezes sem o devido reconhecimento ou apoio, conciliando ainda com os serviços de cuidado e as tarefas domésticas.

Por isso, é preciso que se rompa com a ideia de “ciência rápida” que não é aquela em que se preocupa, necessariamente, com a velocidade, mas sim com a noção onde não seja permitido desacelerar. Em contrapartida, uma outra ciência é possível, como defendida por Isabelle Stengers (2023) que sugere que

Minha proposta é associar a ideia de ciência lenta a uma agenda mais ambiciosa, que leve em conta a necessidade de uma profunda ruptura com o ideal de ciência acadêmica moldado durante o século XIX, um modelo de pesquisa que promoveu, como ideal geral, o avanço rápido e cumulativo do conhecimento disciplinar, acompanhado de um desprezo por toda questão que pudesse desacelerar esse avanço (Stengers, 2023, p. 140).

Assim, a autora defende uma ciência em que seja possível ter tempo para refletir sobre questões científicas, além de poder promover uma maior imersão nos temas em que pesquisam; que promova maior interatividade e coletividade entre as diferentes áreas e uma resistência à pressão externa (às *big-techs*, por exemplo). Além disso, menciona a necessidade de promover uma ciência que se possibilite uma maior valorização da diversidade de práticas, vivenciando os afetos possibilitados pelas pesquisas e investigando as conexões criadas.

A ciência lenta promoveria uma abordagem mais reflexiva e cuidadosa com a pesquisa – e talvez por isso pode-se dizer que até mais relacional, e também possibilitaria um ambiente acadêmico mais equânime e justo para os sujeitos que a desenvolvem, em especial às mulheres, docentes-pesquisadoras, que poderiam se valer desse tempo desacelerado para dialogar e reequilibrar suas múltiplas funções além de promover debates de maneira a contestar às estruturas de poder, fazendo com que suas vozes e vivências não sejam silenciadas ou marginalizadas nesse ambiente.



Pensar esse novo caminho de fazer ciência, possibilita vislumbrar transformações na universidade e, consequentemente, na sociedade como um todo. Em uma sociedade imediatista como a que vivenciamos atualmente, onde *smartphones*, redes sociais e *likes* são acompanhados e atualizados em milésimos de segundos, requerendo uma atenção ampla, mas rasa, desenvolver uma pesquisa utilizando a atenção como atividade serena é um desafio. A temporalidade de uma sociedade é marcada por suas características, por exemplo,

A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quarteis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias fitness, prédio de escritórios, bancos, aeroportos, *shopping centers* e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção (Han, 2017, p. 23).

Assim, “o sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência” (Han, 2017, p. 25). Nós nos tornamos a sociedade do cansaço ocasionado pelo produtivismo, por estarmos sempre fazendo algo com uma finalidade de chegar a um produto, de produzir mais e, assim, pelo esgotamento, “o sujeito do desempenho se realiza na morte. Realizar-se e autodestruir-se, aqui, coincidem” (Han, 2017, p. 86). O ócio como descanso tornou-se algo absurdo, já que a

Pura inquietação não gera nada de novo. Com o desaparecimento do descanso, teriam se perdido os “dons do escutar espreitando” e desapareceria a comunidade dos espreitadores”. O dom de escutar espreitando radica-se precisamente na capacidade para atenção profunda, contemplativa, à qual o ego hiperativo não tem acesso (Han, 2017, p. 34).

Reflito sobre a minha trajetória nesse ponto em específico. Mesmo não tendo a responsabilidade de cuidar de filhos e de pais que, por algum motivo, tenham limitações de cognição ou locomoção, somado a isso, a presença de um companheiro que muitas vezes se responsabilizou de maneira muito justa nas atividades domésticas ao longo do desenvolvimento do meu doutorado, por exemplo, em muitos momentos me senti exausta na tentativa de conciliar a rotina do magistério, a coordenação do núcleo de extensão e iniciação científica da instituição e as atividades de casa. Inúmeras vezes, a dedicação ao trabalho superou o equilíbrio e eu me privei do cuidado comigo mesma e dos momentos de lazer. Ainda assim, mesmo diante às privações, as demandas ainda chegavam e a sensação que eu tinha era de não ser suficiente. A autocobrança era constante e justamente pelo tempo não ser compatível com o número imenso de tarefas a cumprir, mesmo trabalhando também aos finais de semana, muitas vezes me senti incapaz. Inclusive, lembro-me do quanto isso foi abordado nas sessões de terapia que me



ajudaram (e ainda me ajudam) a entender esse processo e compreender o nível de perfeição irreal imposto por essa sociedade às mulheres, que eu internalizei de forma a acreditar que sempre é possível fazer mais – basta se privar (ainda mais!) dos momentos de lazer e de descanso.

Todas essas atribuições, destinadas às mulheres com um nível de exigência muito maior, se encontram e faz com que cheguemos à estafa, à exaustão, como comentado por Ribeiro, em seu período pós-parto: “*e aí eu entrei em depressão, né? A gente fala que é depressão pós-parto, mas que tem todo isso, tem todo esse resgate, né? E tomei remédio e tudo*” (Clara Ribeiro, textos de campo, p. 18). Ao não se reconhecer mais exatamente como a Clara de antes da maternidade, ela se viu reavaliando e se permitindo experimentar novas vivências:

eu não fazia atividade física, né? E aí eu comecei a... Eu encontrei uma mãe na escola dos meninos que eu gostei muito dela, assim, a gente fez amizade, né? Daí ela falou assim pra mim, não, vamos dar uma volta. Deixa os meninos na escola e vamos dar uma volta na escola, né? Pra ver se tal, dá uma ajudada, não sei o quê. Ou seja, foi uma amizade que eu fiz agora. Nesse novo formato. E acabou dando um pouco mais certo do que eu ‘tava fazendo. Eu ‘tava fazendo movimento inverso. Eu ‘tava indo nas minhas amizades de antes da maternidade, como mãe. Tentando buscar aquilo que eu era. E não conseguia. E estava me machucando muito (Clara Ribeiro, textos de campo, p. 18).

Assim, as professoras participantes da investigação, em alguma medida, reconhecem em suas narrativas a necessidade de desacelerar, de buscar um equilíbrio entre a vida profissional e a vida pessoal. Além disso, reconhecem ainda a importância de terem um tempo para si, seja retomando atividades prazerosas que em determinados momentos da vida precisaram suspender, seja experimentando novas vivências ou ainda buscando o auxílio de terapia especializada para entenderem melhor o *quê* e *como* fazer para “tomarem novamente as rédeas de suas vidas”, como dito por Ribeiro. Nesse sentido, elas expressam que

eu fico meio bitolada com isso [alto volume de demandas de trabalho em dias de aula]. Então, agora nos outros dias, eu tento [buscar o equilíbrio] sim, né? Fazer aquilo que me faz bem e que também eu reconheço como vital para mim, sabe? Meu exercício físico, uma atividade física. Então, é mais ou menos isso. A gente vai oscilando aí, dias que fica mais lado pessoal, dias que é mais lado profissional (Isis Oliveira, textos de campo, p. 11).

Hoje em dia, eu tenho essa consciência que isso precisa ter esse equilíbrio, né? De toda forma, quando você é mais jovem e nessa ânsia, você não tem muita essa visão. Hoje eu sou mais conscienciosa nesse sentido. Precisa estar mais equilibrada, te confesso, sabe? Mas eu acho que é uma busca aí de vida, um equilíbrio que eu sempre busco, que preciso melhorar ainda mais (Eloísa Costa, textos de campo, p. 05).



Não vou negar que, às vezes, ainda ligo o computador nos finais de semana ou que, mesmo em momento de lazer, me pego pensando nas responsabilidades acadêmicas. Mas já vejo um progresso ao entender da importância da atividade física para minha saúde, de ficar atenta ao tempo do descanso e da necessidade de terapia frequente para lidar com os desequilíbrios que possam surgir nessas causas. Cuidarmos de nós mesmas é o primeiro passo para estarmos bem na integridade. E não é impossível estarmos bem, se mantivermos nosso funcionamento exclusivamente voltado para o trabalho, para a vida acadêmica ou ainda para os atos de cuidado. Nesse sentido,

O amor-próprio é a base de nossa prática amorosa. Sem ele, nossos outros esforços amorosos falham. Ao dar amor a nós mesmos, concedemos ao nosso ser interior a oportunidade de ter o amor incondicional que talvez tenhamos sempre desejado receber de outra pessoa (hooks, 2021, p. 106).

Assim, repensar o fazer ciência e redistribuir atividades de serviço e o trabalho de cuidado são caminhos para que as mulheres possam alcançar a saúde mental e psicológica, sendo um objetivo comum a homens e mulheres que buscam uma sociedade mais justa. Nesse sentido, a masculinidade feminista (hooks, 2022) pode contribuir para essa meta, ao passo que, homens que entendem a importância de rejeitar estereótipos de gênero que vinculam as atividades de cuidado como capacidade inata das mulheres, auxiliam no desafio de enfrentamento às normas estruturalmente impostas por uma sociedade patriarcal. Além disso, homens que se identificam com essa masculinidade também podem atuar como educadores e defensores, sensibilizando outros sobre a importância do cuidado e promovendo uma cultura que valoriza essa responsabilidade como coletiva, em vez de atribuição exclusiva das mulheres.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, buscamos compreender como mulheres docentes universitárias enfrentam o desafio de conciliar o cuidado com o outro, o cuidado de si e a prática docente. Esse foi um dos objetivos que norteou o estudo: compreender de que forma as experiências cotidianas dessas mulheres se articulam entre demandas profissionais, familiares e pessoais, evidenciando tensões, estratégias de enfrentamento e possibilidades de equilíbrio.

Os relatos coletados e analisados mostram que, mesmo diante de um contexto acadêmico marcado por expectativas elevadas e estruturas historicamente desiguais, essas mulheres desenvolvem formas de resistência e reorganizam suas rotinas para manterem-se ativas na docência sem negligenciar suas próprias necessidades ou as de



suas famílias. As narrativas revelam que, embora os desafios sejam persistentes (envolvendo sobrecarga de tarefas, microviolências e tensões emocionais), também há experiências de solidariedade, apoio mútuo e prazer no exercício profissional. Assim, a pesquisa evidencia que o equilíbrio entre cuidado e docência não é um estado fixo, mas um processo contínuo de negociação e adaptação.

Os resultados mostram que o enfrentamento desses desafios é marcado por estratégias concretas, como a criação de redes de apoio, o estabelecimento de limites pessoais e profissionais e a busca por momentos de autocuidado, indicando que a resistência é tanto coletiva quanto individual. Essa compreensão reforça que conciliar cuidado do outro, cuidado de si e docência é um ato complexo, contínuo e profundamente político. Eles demonstram que, para além das barreiras institucionais e sociais, as mulheres docentes desenvolvem práticas que permitem manter-se firmes em suas carreiras sem abrir mão de sua própria integridade e bem-estar.

Dessa maneira, este estudo contribui para evidenciar os desafios e as estratégias de enfrentamento que caracterizam a vida de docentes mulheres na universidade, reforçando a importância de uma reflexão coletiva sobre o equilíbrio entre cuidado e docência e inspirando futuras investigações sobre o tema. Ao colocar em diálogo as experiências narradas com minha própria trajetória, reitero que a resistência, a criatividade e a sensibilidade são fundamentais para transformar os espaços acadêmicos em ambientes mais inclusivos, equitativos e saudáveis.

REFERÊNCIAS

- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Portugal: Porto Editora, 1994.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa.** Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2. ed., 2015.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 2^a. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- FÁVERO, Luiz Paulo; BELFIORE, Patrícia. **Manual de análise de dados: estatística e modelagem multivariada com Excel, SPSS e Stata.** 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017. v. 1.
- FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Bookman, 2004.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. v. 1.



HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor:** novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, bell. **O Feminismo é para Todo Mundo:** Políticas Arrebatadoras. 19. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

JESUS, Jordana Cristina de; WAJNMAN, Simone. Geração sanduíche no Brasil: realidade ou mito? **Revista Latinoamericana de Población**, Buenos Aires, v. 10, n. 18, p. 43–61, 2016. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323849388003>. Acesso em: 04 dez. 2024.

PARENT IN SCIENCE. **Produtividade acadêmica durante a pandemia:** efeitos de gênero, raça e parentalidade. [S. l.: s. n.], 2020.

NERY, Carmen; BRITO, Vinicius. “**Em 2022, mulheres dedicaram 9,6 horas por semana a mais do que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas**”. Agência IBGE Notícias 2023. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37621-em-2022-mulheres-dedicaram-9-6-horas-por-semana-a-mais-do-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas#:~:text=Destaques,era%20de%209%2C6%20horas>>. Acesso em: 06 jan. 2025.

REISDOFER, Deise Nivia; LIMA, Valderez Marina do Rosário. A pesquisa narrativa como possibilidade metodológica no âmbito da formação docente. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 21, n. 69, p. 795-820, abr. 2021.

STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências.** 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

THINKOLGA. **Economia do Cuidado:** como podemos visibilizar o trabalho invisível das mulheres na economia do cuidado? 2020. Disponível em: <https://lab.thinkolga.com/economia-do-cuidado/>. Acesso em: 19 jan. 2025.

THINKOLGA. **Esgotadas:** O empobrecimento, a sobrecarga de cuidado e o sofrimento psíquico das mulheres. 2023. Disponível em: <https://lab.thinkolga.com/esgotadas/>. Acesso em: 05 jan. 2025.

